

## A COMPOSIÇÃO DOS PROTÓTIPOS DAS IDEIAS DE RASKÓLNIKOV EM CRIME E CASTIGO

Profa. Ms. Ludmilla Carvalho Fonseca<sup>1</sup> (UEG)

### Resumo:

*Neste trabalho, pretende-se discutir a influência exercida pelas ideias d'O único e a sua propriedade, de Max Stirner, sobre a composição da imagem das ideias do herói Raskólnikov, de Crime e castigo, de Fiódor Dostoiévski. Faz-se necessário abordar, primeiramente, como a ideia é trabalhada nos romances dostoiévskianos e a oposição que estes apresentam ao monologismo ideológico. Em um segundo momento, pretende-se discutir a composição dos protótipos das ideias de Raskólnikov, dando ênfase à influência de Max Stirner.*

**Palavras-chave:** protótipos das ideias, Crime e castigo, O único e a sua propriedade.

### 1 Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir a influência d'O único e a sua propriedade, de Max Stirner, sobre a composição dos protótipos das ideias de Raskólnikov, de Crime e castigo, de Fiódor Dostoiévski.

Max Stirner não exerceu influência apenas em Dostoiévski, mas também em vários autores da sua época e das gerações posteriores. Segundo defende Miranda (2004), este filósofo é o **passageiro clandestino da história**, pois sua influência deixou marcas diretas e indiretas nestes autores. Para citar os principais: Nietzsche; Nietcháiev; terroristas niilistas; anarquistas; pós-estruturalistas – como por exemplo Deleuze, Guatarri, e Derrida; existencialistas e fenomenologistas – como Heidegger, Buber, Sartre, e Camus; com menos intensidade em Foucault; em com grande influência em Duchamp.

Sua tese, defendida em seu único livro, fez com que ele não fosse visto com bons olhos pelos liberais, pelos humanistas e pelos radicais socialistas. Além disso, este autor portava um discurso corrosivo, com afirmações que negavam a racionalidade e incitavam o crime, a revolta, o desenvolvimento subjetivo do indivíduo, o hedonismo e a liberdade a qualquer custo. A síntese da sua proposta filosófica era o **único** como sendo homem superior, acima de tudo e de todos.

Devido à influência deste filósofo sobre o contexto literário de Crime e castigo, faz-se necessário abordar, primeiramente, como a ideia é trabalhada nos romances dostoiévskianos, de uma forma geral, e a oposição que estes apresentam ao monologismo ideológico. Num segundo momento, a discussão se voltará para a composição dos protótipos das ideias de Raskólnikov, dando ênfase à influência de Max Stirner.

### 2 A Contraposição do Dialogismo em Dostoiévski ao Monologismo Ideológico

Na construção do universo artístico de Dostoiévski, as ideias proporcionam ao herói uma consciência inacabada, e as várias consciências se apresentam em contraponto, possibilitando a convivência de múltiplas vozes. O herói dostoiévskiano traz consigo a característica de um **homem de ideia**, ou seja, ele é um ideólogo, porém ele não está inserido em um universo monológico idealista, aquele definido através de uma consciência una, de uma razão absoluta abstrata e conclusa.

Em contrapartida, os heróis dostoiévskianos têm suas autoconsciências inacabadas, são livres nos limites do plano artístico e, segundo Bakhtin (2005, p. 84), “na criação dostoiévskiana, a ideia se torna objeto de representação artística e o próprio autor torna-se um grande artista da ideia”.

Ao se tratar da ideia nas obras de Dostoiévski, necessariamente não significa que esta tem relação com o termo ideologia, discutido por Marx e Engels (1974, 1989, 1993). Para estes teóricos, a ideologia, especialmente a alemã, estava ligada diretamente a uma interpretação abstrata da realidade, onde “toda relação dominante era uma relação religiosa e que se converteu em culto, culto do direito, culto do Estado etc.” (MARX e ENGELS, 1993, p. 25). Esta condição de análise da realidade teve sua fonte no idealismo kantiano e, com mais vigor, na concepção racionalista do espírito universal de Hegel, segundo defende Marx e Engels (1989).

Segundo os autores citados, com a morte de Hegel, houve uma disputa pelo legado intelectual deste filósofo, e os seus críticos, intitulados de neo-hegelianos (grupo do qual Marx e Engels fizeram parte e depois se afastaram), continuaram a reproduzir a ideologia alemã. Marx e Engels (1989) defendem que os neo-hegelianos acreditavam que a produção da consciência era resultado da própria consciência individual, e não produto das relações sociais de produção. Para Marx e Engels (1989, p. 35 – 36), a concepção idealista só seria transformada através da constituição de uma sociedade comunista.

Esta concepção da história, portanto, tem por base o desenvolvimento do processo real da produção, e isso partindo da produção material da vida imediata; ela concebe a forma dos intercâmbios humanos ligada a esse modo de produção e por ele engendrada, isto é, a sociedade civil em seus diferentes estágios como sendo o fundamento de toda a história [...]. [A produção material] não é obrigada, como ocorre com a concepção idealista da história, a procurar uma categoria em cada período, mas permanece constantemente no terreno real da história; ela não explica a prática segundo a ideia, explica a formação das ideias segundo a prática material (MARX e ENGELS, 1989, p. 35 – 36).

Esta crítica realizada à ideologia alemã<sup>1</sup> foi direcionada de forma mais frontal a três teóricos neo-hegelianos: Bruno Bauer, Ludwig Feuerbach e Max Stirner. A este último, a crítica de Marx e Engels (1974) se desenvolveu de forma mais intensa, chegando a ponto de exercer acusações agressivas e pessoais<sup>2</sup>.

Ao desenvolver uma crítica ao idealismo alemão, antes mesmo de Marx e Engels<sup>3</sup>, segundo defende Souza (1993), Stirner (2004) propõem que a filosofia da sua época estava mergulhada em proposições abstratas, classificadas como **espíritos**. Nesse sentido, o indivíduo devia ser compreendido fora dessa dimensão espectral, a partir de uma condição existencial, ou seja, o Eu é o que ele consegue conceber devido aos seus interesses subjetivos. “A partir do momento em que vê a luz do mundo, um ser humano busca encontrar-se e conquistar-se a si próprio no meio da confusão em que, com tudo o que há nesse mundo, se vê lançado sem orientação” (STIRNER, 2004, p. 15).

---

<sup>1</sup> Em *A sagrada família*, Marx e Engels (s/d) iniciam suas críticas às concepções idealistas dos intelectuais, em especial a Bruno Bauer.

<sup>2</sup> Embora Stirner seja classificado por Marx e Engels como idealista, há autores que negam esta afirmação, como Derrida (1993), Miranda (2004), Camus (2003) e, especialmente, Souza (1994). Para este autor, Stirner e Marx partem da mesma base materialista, porém o primeiro defende a subjetividade do indivíduo, e o segundo, a consciência social do humano.

<sup>3</sup> Essa posição restritiva de Stirner ao conceito de espírito nasce da sua crítica às concepções teóricas herdadas de Hegel. Segundo Souza (1993), Stirner foi o primeiro a desenvolver uma concisa crítica às posições de espírito absoluto de Hegel e aos seus seguidores neo-hegelianos. Antes mesmo de Marx e Engels, ele já dava caminhos para o materialismo, e isso gerou certo desconforto em Marx. Em *A ideologia alemã*, Marx e Engels (1974) invertem o discurso de Stirner, acusando-o de idealista, concepção negada por vários autores, dentre eles Arvon (1954). Segundo Souza (1993), o prestígio de Marx e a morte de Stirner, antes de conhecer sua crítica para poder respondê-la, pois Marx escondeu os escritos e só publicou-os depois de sua morte, contribuíram para difundir esse equívoco criado por Marx. “A ideia tão generalizada de que Stirner é um idealista ingênuo que simplesmente quer mudar o mundo pela crítica das ideias e ilusões está entre uma distorção absurda e uma simplificação exagerada [por parte de Marx]” (SOUZA, 1993, p. 185 – 186).

Para Stirner (2004, p. 31), o principal motivo da imaterialidade do caráter subjetivo é o que ele chama de espírito. Este faz com que o homem veja o mundo por uma ótica fantástica, e o torna um possesso por ideias abstratas, transformando o sujeito em um corpo sedento por abstrações.

Mas, onde é que ele vai buscar este mundo espiritual? Onde, senão a si próprio? Tem de se revelar, e as palavras que pronuncia, as revelações em que se desvela, são o **seu** mundo. Do mesmo modo que um visionário vive apenas nas construções fantásticas que ele próprio cria e aí tem o seu mundo, do mesmo modo que um louco gera o seu próprio mundo de sonho, sem o qual ele não seria louco, assim também o espírito tem de criar o seu mundo de fantasmas, não sendo espíritos se os não criar (STIRNER, 2004, p. 31).

Quando se desvincula essa condição espectral do indivíduo, parte-se para um entendimento de sujeito integrado ao mundo que o rodeia. Mas o que torna esse indivíduo singular é a sua capacidade de criação, e não sua capacidade de concepção irracional e imaterial, ou seu entendimento idealista. O sujeito stirneriano usa a ação existencial como elemento da sua construção pessoal. A partir do que Stirner classifica de apropriação, o indivíduo se torna **próprio**, ou como é denominado, de **único**. O processo de apropriação tem como base fundamental a associação dos únicos e a ação da revolta.

É importante destacar que a construção singular do único é tarefa dele próprio, e não tem sustentação em concepções estruturantes e imateriais, como a família, Deus, a moral, o direito etc. Outro traço marcante da subjetividade defendida por Stirner é a singularidade do único. As classificações e generalizações a ele se tornam insuficientes.

[...] não há conceito que sirva para me dar expressão, nada do que me apresentam como minha essência me esgota; são apenas nomes.  
Eu sou **proprietário** do meu poder, e sou-o ao reconhecer-me como **único**. No **único**, o próprio proprietário regressa ao nada criador de onde proveio. Todo o ser superior acima de mim, seja ele Deus ou o homem, enfraquece o sentimento da minha unicidade e empalidece apenas diante do Sol desta consciência. Se a minha causa for a causa de mim, o único, ela assentará no seu criador mortal e perecível, que a si próprio se consome (STIRNER, 2004, p. 286).

Para que se possa discutir como ocorre a composição das ideias nos romances dostoievskianos, faz-se necessário, primeiramente, distinguir o monologismo ideológico do dialogismo em Dostoiévski. Por sua vez, Bakhtin (2005) elaborou uma interpretação crítica e profunda acerca da ideologia, avançando na crítica marxista acerca desse assunto. Ao analisar os romances dostoievskianos, Bakhtin mostrou que existe uma diferença considerável entre a ideologia monológica, aquela direcionada à ideia fixa, e o dialogismo, estrutura em que as ideias se inter-relacionam no âmbito da intersubjetividade humana. Diferentemente de Marx, Bakhtin considera a riqueza da ideia interindividual e intersubjetiva a partir da crítica ao idealismo monológico, enquanto Marx nega o idealismo e todo o aspecto subjetivo da realidade material.

De acordo com Bakhtin (2005), foi Dostoiévski o grande criador dos romances polifônicos, os quais romperam com as estruturas romanescas monológicas. O quadro a seguir ilustra a diferença entre ambas as estruturas romanescas.

Monologismo ideológico	Dialogismo em Dostoiévski
- Baseia-se nos princípios da filosofia idealista. É caracterizado pela consciência una;	- A meta polifônica é incompatível com a forma comum estruturada em uma só ideia;
- O herói é apenas um simples agente da ideia-fim;	- O herói dostoiévskiano não é apenas um ser consciente, é um ideólogo;
- A ideia-fim tende para a cosmovisão sistêmico-monológica do próprio autor;	- A criatividade ideológica dos heróis adquire pleno significado nos romances;
- As consciências dos heróis são acabadas e são transformadas pelo autor em objeto;	- As consciências dos heróis são inacabadas. A consciência do autor sente ao seu lado e diante de si as consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusas quanto ela mesma;
- A ideia não é de ninguém, pois no universo monológico ela dever ser expressa de modo que não perturbe a verossimilhança da imagem do falante;	- O dominante da representação do herói é a autoconsciência;
- A ideia se separa inevitavelmente da imagem sólida do herói e artisticamente já não se combina com ele;	- Fusão artística da vida do indivíduo com a visão de mundo;
- O universo monológico do artista desconhece o pensamento do outro, a ideia do outro como objeto de representação.	- A ideia é interindividual e intersubjetiva, a esfera da sua existência é a comunicação entre as consciências.
Fonte: BAKHTIN, M. <b>Problemas da poética de Dostoiévski</b> . 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.	
Organização: Ludmilla Carvalho Fonseca – 2011.	

Com relação às ideias, os romances monológicos se estruturam na filosofia idealista, caracterizados por uma consciência una, onde o herói é agente da ideia-fim. A consciência do herói encontra-se pronta e acabada. Ele não é um **homem de ideia**. Esta não é de ninguém, “ela é apenas colocada em sua boca assim como poderia ser colocada na boca de qualquer outro herói” (BAKHTIN, 2005, p. 78).

Em síntese, no universo monológico, a ideia é impessoal, e na composição da estrutura romanesca, o artista desconhece o pensamento do outro, a ideia do autor como objeto de representação. Ao se tratar deste assunto, Bakhtin (2005, p. 81) destaca o papel da individualidade no romance monológico, no qual a individualidade dos heróis

[...] destrói a significação das suas ideias e quando essa significação se mantém elas descartam a individualidade dos heróis e combinam-se com a individualidade do autor. Daí o acento ideológico único de uma obra; o surgimento de um segundo acento é fatalmente interpretado como uma contradição prejudicial dentro da visão de mundo do autor (BAKHTIN, 2005, p. 81).

Já nos romances de Dostoiévski, o dialogismo possibilitou a ruptura com todas as características anteriormente citadas.

Em Problemas da poética de Dostoiévski, Bakhtin (2005) salienta a função artística da ideia na obra dostoiévskiana, descartando o aspecto contedutístico das ideias inseridas pelo escritor, e afirma que nos seus romances, a verdade sobre o mundo está intimamente ligada com a verdade do indivíduo, sendo assim, não é a ideia a grande heroína dos romances dostoiévskianos, e sim, o **homem de ideias**. Estas ideias, por possuírem imagem plenivalente, não combinam com as imagens exteriorizadas e acabadas dos homens.

Ainda de acordo com Bakhtin (2005), duas condições determinam a possibilidade de representação artística da ideia em Dostoiévski. A primeira condição é que “só o inacabado e inexaurível ‘homem no homem’ poderia ser homem de ideia, cuja imagem se combinaria com a imagem da ideia plenivalente.” Porém, essa condição possui um efeito retroativo, pois “em Dostoiévski o homem supera sua ‘exterioridade’ e se converte em ‘homem no homem’ somente entrando no campo puro e inacabado da ideia, ou seja, somente após tornar-se um desinteressado homem de ideia” (BAKHTIN, 2005, p. 85).

A segunda condição, defende Bakhtin (2005, p. 86), “[...] é a profunda compreensão que [Dostoiévski] tem da natureza dialógica do pensamento humano, da natureza dialógica da ideia.” Para ele, a ideia não vive na consciência individual isolada de um homem, pois a ideia é interindividual e intersubjetiva.

Tanto Dostoiévski quanto Bakhtin compreenderam profundamente as relações dialógicas entre os sujeitos. O primeiro as compreendeu na literatura, e o segundo, na antropologia filosófica. No que diz respeito aos fundamentos da antropologia filosófica, a relação de intersubjetividade, conforme destaca Vaz (1992, p. 64), “é vivida concretamente desde que entre dois **sujeitos** (sociedade **dual**) ou entre muitos (sociedade **plural**) se estabelece, por meio da linguagem, a reciprocidade do **reconhecer-se** e, a partir desse primeiro fio, se entretece a teia infinita do estar-com-o-outro (*Mitsein*)”.

Bakhtin, ao se dedicar profundamente aos estudos de Dostoiévski, se debruçou sobre a interpretação do sujeito. Para Holquist e Klark (1998, p. 91) “o *self* bakhtiniano nunca é completo, uma vez que só pode existir dialogicamente. Não é uma substância ou essência por direito próprio, porém existe apenas num relacionamento tenso com tudo o que é outro e, isto é o mais importante, com outros *selves*”.

Bakhtin percebeu que Dostoiévski criou uma estrutura romanesca que possibilita a inter-relação dialógica entre as personagens. Suas consciências são inacabadas e possuem uma certa liberdade com relação ao autor. Para Bakhtin (2005, p. 89), “Dostoiévski nunca criava as suas imagens das ideias a partir do nada, nunca ‘as inventava’, como o artista não inventa as pessoas que retrata; sabia auscultá-las ou adivinhá-las na realidade presente”.

É nesse sentido que se estabelece o seguinte momento deste trabalho. Pretende-se a seguir discutir acerca da influência de Max Stirner sobre a composição das ideias de Raskólnikov.

### 3 A Composição dos Protótipos de Raskólnikov

Como já foi dito anteriormente, Bakhtin se volta mais para a função artística das ideias na obra de Dostoiévski. Dessa forma, foi exposto acima alguns elementos caracterizadores das ideias nos romances dostoiévskianos, nos quais, para Bakhtin, a filosofia funciona como objeto estético.

Todavia, o que se propõe neste momento é uma breve discussão do conteúdo das ideias do herói Raskólnikov que, segundo Bakhtin (2005, p. 89), os protótipos das ideias deste herói “foram a ideias de Marx Stirner<sup>4</sup>, expostas no tratado **O Único e sua Particularidade**, e as ideias de Napoleão III, desenvolvidas por ele no livro **A História de Júlio César** [...]”.

Ao tratar da relação entre as ideias do autor e as ideias do herói, Bakhtin (1997, p. 30) defende que “é impossível qualquer correspondência teoricamente fundamentada entre um herói e um autor, pois a relação é de natureza diferente.” Porém, ele não nega totalmente a proximidade na relação autor-herói, mas ressalta que nesta relação, deve-se considerar o seu princípio estético que a fundamenta, e afirma que não se deve “[...] negar totalmente o valor das eventuais confrontações, que podem ser eficazes, entre as respectivas biografias do autor e do herói, entre suas visões de mundo” (BAKHTIN, 1997, p. 31). O que não pode haver é um procedimento puramente factual, desprovido de qualquer princípio estético.

Por sua vez, Camus (2006, p. 115 – 116) defende que há uma relação intrínseca entre

---

<sup>4</sup> Encontra-se Marx Stirner, mas a forma correta é Max Stirner. E a tradução do livro deste autor encontrado em português é O único e a sua propriedade, e não O único e sua particularidade.

filosofia e literatura, entre o universo do autor e sua manifestação artística.

O pensamento abstrato obtém por fim seu suporte de carne. E, ao mesmo tempo, os jogos romanesco do corpo e das paixões se ordenam um pouco mais, seguindo as exigências de uma visão do mundo. Não se contam mais “histórias”, cria-se seu universo. Os grandes romancistas são romancistas filósofos, ou seja, o contrário de escritores com teses. Vejam Balzac, Sade, Melville, Stendhal, Dostoiévski, Proust, Malraux, Kafka, para citar só alguns (CAMUS, 2006, p.115 – 116) .

Camus (2003, p. 302) defende que

O mundo romanesco não é mais que a correção deste nosso mundo, segundo o destino profundo do homem. Pois trata-se efetivamente do mesmo mundo. O sofrimento é o mesmo, a mentira e o amor, os mesmos. Os heróis falam a nossa linguagem, têm as nossas fraquezas e as nossas forças. Seu universo não é mais belo nem mais edificante que o nosso (CAMUS, 2003, p. 302).

Dostoiévski introduziu nos seus romances temas contemporâneos a sua época. E, influenciado por Turguêniev (1971), desenvolveu em um de seus romances (Crime e castigo) uma personagem com características semelhantes aos niilistas russos do século XIX. Segundo Camus (2003, p. 194),

O niilismo dos anos de 1860 começou, aparentemente, pela negação mais radical possível, rejeitando qualquer ação que não fosse puramente egoísta. Sabe-se que o próprio termo “niilismo” foi inventado por Turguêniev no romance **Pais e Filhos**, cujo herói, Bazárov, era o retrato fiel desse tipo de homem (CAMUS, 2003, p. 194).

Em um trecho do referido romance, há um diálogo entre as personagens Arcádio, Páviel Pietróvitch e Nicolau Pietróvitch, no qual este último pergunta quem é Bazárov.

- Ele é niilista – repetiu Arcádio.
- Niilista – disse Nicolau Pietróvitch – vem do latim, *nihil*, e significa “nada”, segundo eu sei. Quer dizer que essa palavra se refere ao homem que... em nada crê ou nada reconhece?
- Pode dizer: o homem que nada respeita – explicou Páviel Pietróvitch, voltando novamente sua atenção para a manteiga.
- Aquele que examina tudo do ponto de vista crítico – sugeriu Arcádio (TURGUÊNIEV, 1971, p. 32).

Como já foi dito, Dostoiévski se utilizou das ideias de Napoleão e de Stirner para compor as imagens das ideias de Raskólnikov. O herói se assemelha com a ideia do egoísmo racional do imperador e do direito de matar defendido por ele. Segundo Frank (1992, p. 143 – 144),

Napoleão, como a encarnação do poder absoluto, implacável, despótico, há muito frequentava a imaginação russa, e Dostoiévski estava familiarizado com as várias fontes literárias, inclusive seu querido Púchkin, onde a imagem de Napoleão é usada como símbolo de uma vontade de poder não controlada por considerações morais de qualquer tipo (FRANK, 1992, p. 143 – 144).

Porém, o comportamento moral de Raskólnikov não estava somente baseado nas ideias de Napoleão, mas também na necessidade de contestar a condição de **homem ordinário**, na busca de se tornar um **extraordinário**, daí a influência da singularidade do **único** de Stirner. Rocha (1970, p. 39) expõe que a prática do crime é tida, em Crime e castigo, como mecanismo para que o **homem do subsolo** se defina. “Saindo da taberna, alguns se lançam à ação. Raskólnikov matará a velha usurária para saber se é um **homem extraordinário**, um Napoleão, ou apenas um homem de rebanho.” Rocha (1970, p. 39) reforça que nas obras de Dostoiévski “o homem é um ser que por essência, se põe problemas: vive de ideias”.

Todavia, é em O único e a sua propriedade, de Stirner, que se tem a possibilidade de

encontrar uma farta fonte das ideias que trazem a noção de singularidade, unicidade, vigor e transição do estágio ordinário para o estágio único, próprio e autônomo, o qual é concebido através da ação do próprio indivíduo, não se submetendo aos valores morais e aos dogmas autoritários da sociedade, mas a sua própria vontade de mudança e transformação.

Pode-se estabelecer uma relação entre o discurso de Stirner e o de Raskólnikov. Miranda (2004, p. 300) defende que Stirner exerce forte influência sobre o comportamento de Raskólnikov. “Nas **Memórias do Subterrâneo**, a voz do anônimo professor de colégio é a voz de Stirner, que submergira no subterrâneo, para reaparecer à luz do dia nas frases de Raskólnikov ou de Ivan Karamázov.”

O comportamento de Raskólnikov, caracterizado pela ironia, astúcia, e principalmente pela forma egoísta e particular de se relacionar com as pessoas, encontrada em vários trechos do livro, é o mesmo comportamento e atitude defendidos pelo filósofo Stirner. Além do mais, o individualismo, a cometida do crime, a vontade de poder e o fato de se sentir superior, singular e autoconsciente fazem parte da filosofia desenvolvida em seu livro, do mesmo modo que Raskólnikov desenvolve no seu artigo uma tese, dividindo os homens em **ordinários** e **extraordinários**. Para exemplificar o que foi discutido, segue-se alguns trechos do romance Crime e castigo e d'O único e a sua propriedade:

Ou renunciar totalmente à vida! – gritou de repente com furor –, aceitar docilmente o destino como ele é, de uma vez por todas, e sufocar tudo em mim, abrindo mão de qualquer direito de agir, viver e amar!

Não, a vida me é dada uma vez, e ela nunca mais voltará: e não quero esperar a "felicidade geral". E eu mesmo quero viver, do contrário o melhor seria não viver (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 61 e 284).

Meu gozo pessoal é-me negado porque eu imagino que tenho de servir outro, porque creio ter obrigações para com ele, porque me considero destinado ao "sacrifício", à "dedicação", ao "zelo". Ora, se eu chegar à conclusão de que não sirvo nenhuma ideia, nenhum "ser superior", daqui resulta, naturalmente, que não sirvo também nenhum homem, a não ser, eventualmente, a **mim próprio**. E assim serei, não apenas no plano dos atos ou do ser, mas também para a minha consciência... o Único (STIRNER, 2004, p. 282).

Três já seriam muito, e isso para que cada um sentisse mais segurança no outro do que em si mesmo! [...] Cada um fica dependendo do outro a vida inteira! Ora, seria melhor estrangular-se! (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 176).

Como podereis vós ser verdadeiramente únicos enquanto existir entre vós um laço social que seja? Se vos ligais, não podeis existir de forma independente, se um laço vos une, só a dois sereis alguma coisa, e os vossos doze fazem uma dúzia, os vossos milhares um povo, os vossos milhões a humanidade (STIRNER, 2004, p. 110).

É só na minha ideia central que eu acredito. Ela consiste precisamente em que os indivíduos, por lei da natureza, dividem-se geralmente em duas categorias: uma inferior (a dos ordinários), isto é, por assim dizer, o material que serve unicamente para criar seus semelhantes; e propriamente os indivíduos, ou seja, os dotados de dom ou talento para dizer em seu meio a palavra nova (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 269).

Eu sou proprietário do meu poder, e sou-o ao reconhecer-me como **único**. No **único**, o próprio proprietário regressa ao nada criador de onde proveio. Todo ser superior acima de mim, seja ele Deus ou o homem, enfraquece o sentimento da minha unicidade e empalidece apenas diante do Sol desta consciência (STIRNER, 2004, p. 286).

Formam a segunda categoria todos os que infringem a lei, os destruidores ou inclinados a isso, a julgar por suas capacidades. [...] Mas se um deles, para realizar sua ideia, precisar passar por cima ainda que seja de um cadáver, de sangue, a meu ver ele pode se permitir [...] (DOSTOIÉVSKI, 2002, p. 270).

Eu, porém, autorizo-me a mim próprio a matar se não proibir a mim próprio o homicídio, se não reear o assassinato como injustiça.

Desde sempre o egoísta se afirmou pelo crime e se riu do sagrado: a rotura com o sagrado (ou melhor, do sagrado) pode generalizar-se (STIRNER, 2004, p. 151 e 191).

## **Conclusão**

Vale ressaltar que os fragmentos acima citados não esgotam as semelhanças entre o **único** de Stirner e o **extraordinário** de Raskólnikov. É necessário destacar ainda que o primeiro discutiu a proposta de superação do homem no plano filosófico, e o segundo está representado no plano artístico. Sendo assim, a forma como a filosofia é tratada em *O único* e a sua propriedade e em *Crime castigo* são diferentes, já que no romance, a filosofia funciona como objeto estético.

No plano das ideias, o único e o extraordinário têm como traço semelhante a condição filosófica do além-homem, ou de sujeito singular. Ou seja, são conceitos de homens que superam a compreensão do homem genérico e que almejam ser sujeitos de autoconsciência.

## **Referências Bibliográficas**

- 1] ARVON, H. **Aux sources de l'existencialisme: Max Stirner**. Paris: Universitaires de France, 1954.
- 2] BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- 3] BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- 4] CAMUS, A. **O homem revoltado**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- 5] CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- 6] DERRIDA, J. **Espectros de Marx**. O estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- 7] DOSTOIÉVSKI, F. **Crime e castigo**. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- 8] FRANK, J. **Pelo prisma russo**. Ensaio sobre literatura e cultura. São Paulo: Edusp, 1992.
- 9] HOLQUIST, M. e KLARK, K. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- 10] MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.
- 11] MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- 12] MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo etc**. Lisboa: Presença, 1974.
- 13] MARX, K. e ENGELS, F. **A sagrada família, ou crítica da crítica crítica: contra Bruno Bauer e consortes**. Lisboa: Presença, s/d.
- 14] MIRANDA, J. B. de. Stirner, o passageiro clandestino da história (posfácio). In. STIRNER, M. **O único e a sua propriedade**. Lisboa: Antígona, 2004.



- 15] ROCHA, M. **O tormento de Deus**. Estudos sobre Dostoiévski e o ateísmo moderno. Petrópolis: Vozes, 1970.
- 16] SOUZA, J. C. de. **A questão da individualidade**. A crítica do humano e do social na polêmica Stirner-Marx. Campinas: EdUnicamp, 1994.
- 17] STIRNER, M. **O único e a sua propriedade**. Lisboa: Antígona, 2004.
- 18] TURGUÊNIEV, I. **Pais e filhos**. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- 19] VAZ, H. C. de L. **Antropologia filosófica II**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1992.

---

**iLudmilla Carvalho Fonseca**

**Ludmilla Carvalho FONSECA, Profa. Ms.**  
Universidade Estadual de Goiás (UEG)  
milaunb@yahoo.com.br